

V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

## **NARRATIVAS, MEMÓRIAS E GLOBALIZAÇÃO: Análise de acervo do “Museu da Pessoa” relativo ao projeto temático “ThyssenKrupp Bilstein Brasil 40 Anos”<sup>1</sup>**

*Karina Araújo Choquetta<sup>2</sup>*

**Resumo:** Conforme o plano de trabalho apresentado, o presente projeto teve como objetivo organizar, analisar, levantar dados e interpretar à luz da História Social um acervo composto por 130 entrevistas e depoimentos feitos com funcionários da ThyssenKrupp Bilstein empresa. Esse acervo é proveniente de uma pesquisa realizada pelo “MUSEU DA PESSOA” e financiada pela própria empresa denominado “40 anos de ThyssenKrupp no Brasil” realizada em 2007. Através da análise desses registros é possível pensar além da memória oficial construída pela empresa e refletir sobre outras histórias e memórias produzidas pelos trabalhadores, levando em conta experiência de vida dessas pessoas, seu cotidiano, suas angústias e motivações que são encontradas neste mesmo acervo, mesmo que de forma indireta.

**Palavras-chave:** Cidade. Trabalho. Memória.

### **Introdução**

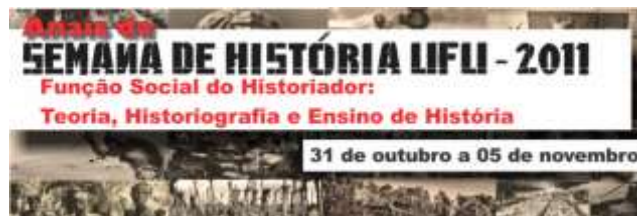
O projeto “NARRATIVAS, MEMÓRIAS E GLOBALIZAÇÃO: Análise de acervo do “MUSEU DA PESSOA” relativo ao projeto temático: “ThyssenKrupp Bilstein Brasil 40 Anos” está situado em uma pesquisa mais ampla chamada NADA ENRAIZA NUM LUGAR SÓ”, MEMÓRIAS E GLOBALIZAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE OS TRABALHADORES DA THYSSENKRUPP (Campo Limpo Paulista (SP), Santa Luzia e Ibirité (MG) (1957-2009), apoiada pelo CNPQ (Processo: 472678/2009 4, edital MCT/CNPq – 14/2009).

O MUSEU DA PESSOA foi criado em 1991 pela historiadora e linguista Karen Worcman. Sendo uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), sem fins lucrativos, ele se mantém com recursos provindos do Desenvolvimento de projetos de

---

<sup>1</sup> Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Moarais – INHIS/UFU

<sup>2</sup> Graduada em História – Universidade Federal de Uberlândia (UFU)



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Memória Institucional, de patrocínio a projetos culturais aprovados na Lei Rouanet<sup>3</sup>; de financiamento a projetos de formação de multiplicadores para o uso da memória em escolas ou em organizações sociais e de parcerias com organizações privadas, organizações internacionais, órgãos governamentais, ou organizações da sociedade civil que contribuem para a realização de projetos e ações do Museu da Pessoa.<sup>4</sup>

O Museu da Pessoa disponibiliza em seu acervo virtual depoimentos e entrevistas transcritas por seus pesquisadores. Neste projeto trabalhamos com entrevistas e depoimentos feitos por pesquisadores do museu com funcionários da ThyssenKrupp por meio de um projeto financiado pela mesma denominado “40 anos de ThyssenKrupp no Brasil” realizado em 2007.

Desde a década de 1950 a ThyssenKrupp tem ampliado sua presença no ramo metalúrgico, expandindo sua presença em todo território brasileiro através de fusões e compras de outras empresas. Esse processo de expansão provoca vários desdobramentos na vida de seus operários uma vez que implica deslocamentos de plantas produtivas, além do fechamento de fábricas e reconfiguração de relações de trabalho. Ainda que a ThyssenKrupp tenha seu próprio modo de interpretar todo esse processo, ela o faz de forma a construir significados que enaltecem seu próprio crescimento, “criando” e fortalecendo uma idéia de coesão e identidade, elementos importantes na construção da História de uma empresa. ( WORCMAN, 2011)

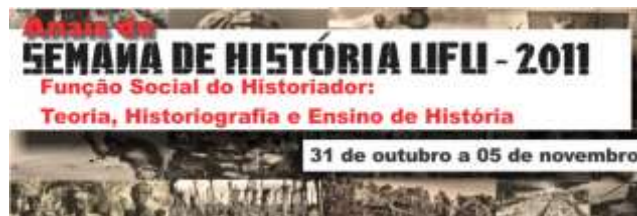
Levando-se em conta que é dentro do ambiente de trabalho e também fora dele que os trabalhadores constituem e transformam suas relações, é necessário problematizar a forma como a memória dominante é construída e a relação da mesma com a constituição e alterações da empresa, neste caso da ThyssenKrupp, suas transferências repentinas de plantas industriais que transformam “de um dia para o outro” pequenas siderúrgicas em empresas transnacionais.

Assim, é imprescindível analisar esses registros considerando a forma e o porquê foram produzidos, a diversidade de temas lembrados, atentado para fato de que ao mesmo tempo que geram visibilidade produzem ocultação e também para o caráter comemorativo em que essas entrevistas foram realizadas.

---

<sup>3</sup> A Lei de Rouanet (Lei nº 8.313 de 23 de dezembro de 1991), é uma lei federal de Incentivo a cultura que institui políticas públicas para a cultura nacional. Essa Lei permite que pessoas físicas e jurídicas apliquem parte de seu imposto de renda em projetos culturais aprovados pelo Ministério da Cultura.

<sup>4</sup> Pesquisado em [http://www.museudapessoa.net/oque/oque\\_parceiros.shtml](http://www.museudapessoa.net/oque/oque_parceiros.shtml), 12/05/2010.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Desta forma, analisando este acervo à luz da História Social é possível perceber que no mesmo existem outras histórias e memórias produzidas pelos trabalhadores que devem ser investigados e problematizados, já que ao trabalhar com a História em seu âmbito social, existe a preocupação com os outros segmentos da sociedade e não apenas com o setor dominante, enfim, dar ênfase aos outros sujeitos também capazes de fazer a História.

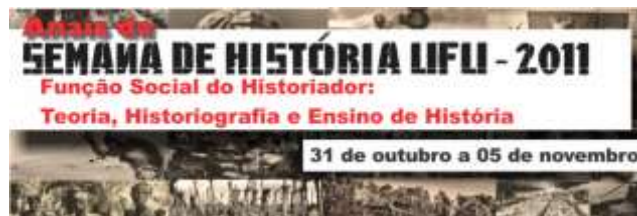
Além disso, é preciso pensar o movimento histórico em sua dinâmica, pensando do presente para o passado, refletindo sobre as questões e problemáticas que este apresenta aos historiadores e aos sujeitos sociais que o compartilha. E nessa inversão a relação entre História e Memória merece atenção e reflexão. Enquanto permeada de tensões, a memória se caracteriza enquanto um campo de lutas e conflitos sociais no qual verdades são debatidas e ocultadas.

É neste ponto que se encontra o dever do historiador envolvido com o social. Ele procura problematizar e desvendar a forma como essa memória é constituída para que a uma memória dominante e homogênea não seja a única visível.

Outro ponto de fundamental importância é relação que existe entre Memória e Globalização. Neste projeto particularmente, o estudo dessa relação desvendou processos que muitas vezes não são percebidas em leituras que valorizam mais a mudança do que a percepção dos trabalhadores. Nesse sentido, o termo Globalização possui diversos sentidos e a forma como usamos diz respeito a valores e interesses do social a ser analisado, a forma como é feita a análise e lugar ocupado por quem está analisando. Assim, o termo “Globalização” ultrapassa seu significado fixo e limitado em que tratado nos dicionários e se transforma em uma questão investigatória.

Portanto, se por um lado temos que lidar com a complexidade do processo de globalização e das memórias produzidas pelos diversos sujeitos sociais inseridos nele, por outro, refletir sobre a sociedade e suas múltiplas relações, abordando as experiências sociais e a multiplicidade dos sujeitos que a compõe nos permite compreender e trabalhar com essas memórias enquanto linguagens em movimento, que expressam experiências humanas.

Esses trabalhadores, agentes principais dessa pesquisa, relatam em suas entrevistas suas interpretações do momento vivido, seus sentimentos, valores, expectativas e lembranças, a partir das quais avaliam o que vivem e o que viveram. Vivemos em uma sociedade extremamente excludente, dominadora e opressora capaz de ocultar conflitos e diferenças em



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

nome de uma ideologia comprometida com o único, com o homogêneo. Por isso a luta pelo direito a memória torna-se uma luta pela pluralidade, pela diversidade. Neste sentido, o projeto revela outras memórias que contrapõe a memória oficial e reconstitui dinâmicas de vida e cultura na cidade, além de dinâmicas muitas vezes ocultadas na relação entre dominantes e dominados, produzindo assim uma construção de um olhar reflexivo sobre a sociedade e a perspectiva de diversas histórias e memórias, sem deixar de trabalhar a relação existente entre passado/presente/futuro já que a história contribui ativamente para que presente seja modelado e a partir dele perspectivas para um futuro possam ser formadas.

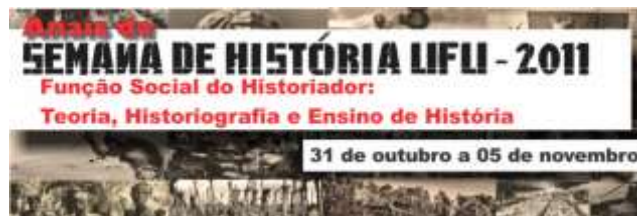
## MATERIAS E METODOS

Como metodologia de execução do projeto a História Oral se fez presente de forma significativa. Mesmo que outras fontes, como fotografia e documentos impressos sejam utilizados, o principal trabalho é a análise das entrevistas já realizadas que fazem parte de um acervo produzido pelo MUSEU DA PESSOA como comemoração de 40 anos da ThyssenKrupp no Brasil.

Estas entrevistas foram produzidas com trabalhadores que foram transferidos para Ibirité/MG quando se deu a implantação da empresa neste município e como oferece elementos importantíssimos e informações muitas ricas para compressão desta implantação, esse acervo de narrativos merece atenção e análise. Trabalhar com essas narrativas permite abranger a organização cotidiana dessas pessoas, as contradições existentes no espaço em que vivem, as dificuldades que encontram como a questão da moradia, da saúde, da violência.

Enfim, Ao trabalhar com a História Oral devemos ficar atentos as suas peculiaridades. O trabalho com este tipo de fonte exige do pesquisador certos cuidados não só com uso da entrevista, mas também em sua elaboração. O trabalho com experiências humanas, suas múltiplas relações e suas contribuições para a construção histórica de um lugar permite que indagações e críticas a cerca das investigações e abre um leque para novas possibilidades, novas questões para os documentos, fazendo com que a pluralidade das experiências sociais sejam respeitadas.

Pensar no cotidiano, na sua construção e conflitos através da História Oral faz com que cada vez mais possamos aprender com a experiência de outros sujeitos. Isso não quer



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

dizer que as dificuldades e contradições não existam, mas é importante salientar que ao trabalhar com experiências humanas e com a memória dessas pessoas é preciso acima de tudo respeito.

Uma particularidade deste projeto foi o fato de trabalhar com entrevistas já realizadas, com um acervo pronto. Isso requer um aprofundamento de estudo sobre esses projetos do MUSEU DA PESSOA, bem como análise do procedimento de produção dessas entrevistas.

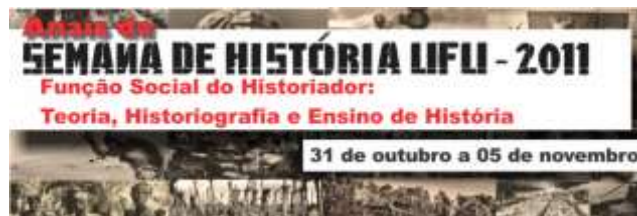
## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Para compreendermos as dimensões das mudanças vivenciadas pelos trabalhadores, as narrativas se traduzem como um campo de investigação rico e abrangente. Através delas é possível perceber e problematizar as relações familiares, as dimensões do aprendizado (através de escolas e cursos técnicos), a valoração de modos de viver, a constituição de novas formas de sociabilidades (festas nas empresas promovidas pelos administradores), a redefinição de tarefas, funções e até mesmo de adjetivações (tal como a elaboração do termo “colaborador”).

Projetada e criada pela própria ThyssenKrupp, a planta de Ibirité apresenta um emaranhado de estratégias, transformações e rupturas a partir das quais é possível, através de análises, buscar compreender as vivências dos trabalhadores nesse processo e interpretar as diversas elaborações, assimilações, resistências e conformações nas diversas formas de organização dos mesmos. Na fala do senhor Eduardo Bertolini fica claro a forma com a implantação da empresa em Ibirité foi planejada e como isso refletiu não apenas na vida de quem trabalhava na empresa, mas também na vida dos moradores da cidade, no cotidiano e na transformação da mesma:

“Quando começamos a estudar qual seria a melhor localização, procuramos o governo de Minas Gerais para saber que incentivos nós teríamos e eles nos levaram até o INDI que é o Instituto de Desenvolvimento Industrial que promove a vinda de indústrias para Minas Gerais. Fizemos algumas reuniões com o INDI e eles nos mostraram algumas opções, inclusive alguns prédios já construídos que poderiam ser utilizados. Nesse meio tempo, fomos abordados pelo prefeito de Ibirité, que era o senhor Marcio Grossi. Ele estava querendo desenvolver a cidade de Ibirité que até então não tinha uma indústria sequer, a economia baseava-se puramente na agropecuária. E mesmo a agropecuária não tinha estrutura. A cidade de Ibirité funcionava





V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

basicamente como uma cidade dormitório. Então as pessoas moravam em Ibirité, ma trabalhavam em Betim, Belo Horizonte, Contagem. Havia, então, esse projeto de estabelecer ali em Ibirité, um distrito industrial. E através do Flávio Matos, que era secretário de desenvolvimento econômico, isso foi operacionalizado. Para nós a idéia soou muito bem, porque a distância do distrito industrial de Ibirité até a Fiat são de oito quilômetros. Aquilo veio a calhar, quanto mais próximo da Fiat menos custos logísticos e tudo o mais. E nasceu a parceria da cidade de Ibirité conosco. A princípio eles tinham um terreno em que deveria ser alocado com oito empresas, pegamos o terreno todo só para nós. Isso chocou todo mundo. Mas quando nós mostramos o nosso negócio eles aceitaram porque perceberam que o retorno seria muito interessante. Eles aceitaram e ali foi o início de tudo, porque em Ibirité não tinha absolutamente nada, nem telefone sequer, só havia aquele bairro em que nós estávamos. Ganhamos junto com o terreno, o serviço de terraplanagem. Em paralelo a isso, iniciamos o projeto da fábrica e começamos a correr atrás da infra-estrutura do bairro.(...) É inegável, o que trouxe de benefício para aquela população. E o distrito industrial ampliou, temos hoje ali umas 17 empresas instaladas e nós fomos a pioneira.”<sup>5</sup>

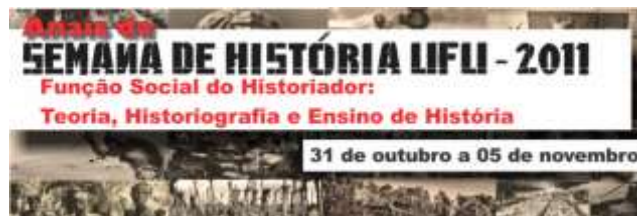
O que deve ser questionado é até que ponto esse “progresso” foi benéfico para a cidade e para seus moradores, que impacto a implantação de uma grande empresa gerou não só nos aspectos físicos e econômicos da cidade, mas na vida de seus moradores, no cotidiano dos mesmos, uma vez que a cidade passa por transformações e junto com ela suas praticas cotidianas também são modificadas.

Nessas entrevistas os trabalhadores falam sobre as formas de início e histórias sobre o “como” entraram em uma empresa multinacional e o orgulho de trabalharem na mesma. Na entrevista do senhor Eduardo Bertolini ele comenta sobre o que trabalhar na Thyssen significa para ele:

“Quando eu fui para Ibirité o pessoal fazia um comentário de que o pessoal da Fiat tinha muito orgulho de trabalhar na empresa, então eles já saíam de casa com o crachá. Se fossem a um supermercado, a um shopping eles iam com o crachá. Aquilo é um símbolo de status para eles. Só que eu sempre fiz isso, sempre saí de casa com o crachá. Assim que eu coloco a camisa, ponho o crachá e vou à fábrica. Isso talvez traduza, o orgulho que eu tenho em trabalhar nessa empresa. Eu sempre tive muito respeito pela empresa e por ser uma empresa alemã que me proporcionou crescimento. Hoje a minha vida pessoal está organizada em função do que eu realizo aqui hoje, conheci vários países trabalhando aqui, então adquiri cultura trabalhando aqui.”<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Depoimento de Eduardo Bertolini

<sup>6</sup> Depoimento de Eduardo Bertolini



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

O trabalhador se sente importante dentro da empresa, dentro do processo de produção e mesmo tendo sua força de trabalho explorada e gerando lucro, o que eles viam era uma empresa “boa pra trabalhar” onde eles eram valorizados. Isso resultou em um forte sentimento de pertencimento e de responsabilidade por tudo que acontecia.

Desta forma, muitos se sentem agradecidos a ThyssenKrupp por serem seus funcionários e sentem orgulhosos por “fazerem parte” dela, a empresa, nesse sentido, é vista como uma extensão de sua família.

Os funcionários também se dedicavam intelectualmente para empresa. Além de trabalharem usando sua força bruta de trabalho, eles ainda se dedicavam estudos paralelos, segundo eles para acompanhar o desenvolvimento da mesma. Para proporcionar melhorias na produção e cumprir prazos, eles também ficavam além de seus horários de expediente e viam isto como uma valorização de seu trabalho:

“Nunca me interessei em sair da Krupp. Eu fazia aqueles cursos porque a firma hoje é de um jeito, amanhã ou depois ela vai subindo. Para não ficar parado, ficar por baixo, você tem que fazer os cursos que a firma precisa. Para você, conforme ela for crescendo, acompanhar. Temos que estudar aquela área que queremos trabalhar. E nos aprimorar mais.”<sup>7</sup>

Outra característica da empresa muito lembrada por seus trabalhadores é a contratação de parentes, a possibilidade de pessoas que já trabalhavam indicar seus parentes e amigos. Essa características é vista por eles como importante e como uma virtude da mesma:

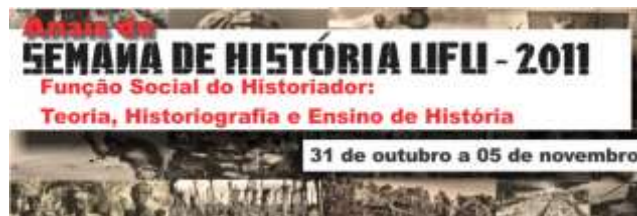
“Sempre defendi que isso é uma virtude que a Thyssen tem [permitir a contratação de parentes]. Eu conheço outras empresas onde não pode trabalhar família. E isso é uma coisa muito importante. Tanto é que a história da Thyssen está sendo contada por pessoas que já vem, de outros parentes que trabalhavam na empresa. Acho muito importante, isso é uma coisa que ela sempre abriu as portas, eu acho que não deve acabar nunca, muito bom.”<sup>8</sup>

Outra problemática observada ao longo das narrativas diz respeito as pressões vividas no cotidiano e também relatam dificuldades em permanecer no trabalho - já que

---

<sup>7</sup> Depoimento de Joel Belarmino da Silva

<sup>8</sup> Depoimento de Luis Carlos Brandão



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

existia dentro da empresa um grande “rodízio” de funcionários, muitas vezes decorrentes das freqüentes trocas de diretoria.

Eles narram também características relacionadas a sua segurança durante a execução de seu trabalho e a estreita ligação destes com a “idade das máquinas” e com a ausência de equipamentos de segurança podem ser facilmente percebido:

“No tempo da Scipelliti, o maquinário era velho e havia uma poluição tremenda. Não existia controle dessa poluição, nem existia segurança. Era um “Deus nos acuda e salve-se quem puder”! Nós entrávamos para trabalhar e não enxergávamos o fundo da fábrica de tanta fumaça. Os acidentes eram violentos e feios. Essa situação continuou com a Hoesch, porque o trabalho em uma fábrica de molas é considerado de grande risco. Com o passar do tempo, fomos criando equipamentos, proteções e mesmo assim aconteceram vários acidentes fatais.”<sup>9</sup>

Nos relatos, os trabalhadores mostram os desafios e conflitos quando ocorriam mudanças na diretoria, junto a essas transformações, outras ocorriam - tais como as mudanças nas rotinas de trabalho, no uso de equipamentos, nos níveis salariais, entre outras, que refletiam de forma significativa em suas rotinas de trabalho. Após uso desses novos equipamentos, por exemplo, a produção ficava cada vez mais rápida, com a necessidade cada vez menor de funcionários e isso sem dúvida refletia em suas relações de trabalho, em relações de solidariedade, de organização sindical e etc.

Assim, a construção da planta em Ibitaré, por si só, representa um desafio na vida de muitos trabalhadores, pois existem diferentes relatos sobre os desafios que a envolvem como mudança de residência, de hábitos cotidianos, e até mesmo de mudanças na dinâmica do trabalho. Isso pode ser percebido no relato do Senhor Rubens Maglovsky:

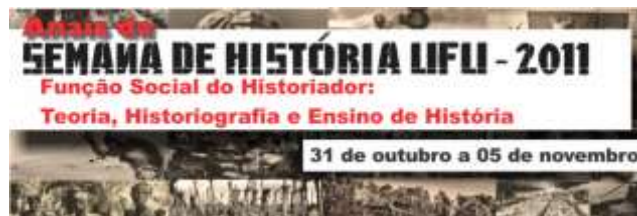
“A mudança para Minas Gerais foi difícil para os dois meninos. Para minha esposa, nem se fala. Ela era filha única e minha sogra estava com quase 70 anos. Para mim, não teve tanto problema, porque ficava o dia inteiro enfiado dentro da empresa e trabalhava sábado, domingo. Agora a esposa, lá em Betim, não tinha com quem conversar, não tinha com quem falar.”<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Miguel Alonso Perdiz

<sup>10</sup> Depoimento de Rubens Maglovsky





V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

Quando são perguntados sobre o projeto memória realizados pela Thyssenkrupp, o que prevalece é a satisfação por ter sido convidado a dar entrevista e o orgulho “de fazer parte” da história de crescimento e desenvolvimento da empresa:

“Quando eles chegaram em Minas falando que eu vinha para cá [dar o depoimento]: Sabe uma criança quando não tem um brinquedo? E você dá aquele brinquedo. Às vezes ele só vê na vitrine, o pai e a mãe não podem comprar. Ele olha assim: “Eu quero, eu quero”, e não tem condições. Quando eles fizeram isso senti a mesma coisa que uma criança que ganha um presente e fica toda alegre. Fiquei meio quietinho, mas a alegria dentro do coração foi bastante. Eu fiquei todo cheio e orgulhoso. Orgulho de alegria. Foi a melhor coisa que eles fizeram. Porque a firma está grande, mas está crescendo ainda.”<sup>11</sup>

Portanto, o que pode ser percebido ao longo das entrevistas é que os trabalhadores se sentem satisfeitos, agradecidos e orgulhosos por terem a oportunidade de expressar o que sentem pela empresa. Assim, é possível perceber que a utilização das entrevistas como fonte de pesquisa, além de uma riqueza inegável de informações, proporciona ao pesquisador conhecer memórias e experiências destes trabalhadores, muitas vezes oprimidas por “uma memória oficial”, possibilitando que o historiador problematize-a e desvende-a, para que a uma memória dominante e homogênea não seja a única visível.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através da análise do acervo de entrevista realizadas pelo Museu da Pessoa para a ThyssenKrupp em comemoração de 40 anos da empresa foi possível visualizar as transformações que ocorreram nos últimos anos, tanto políticas como sociais e econômicas. Mais importante que isso, foi possível perceber como essas transformações chegaram até os trabalhadores, a dinâmica de suas vidas, suas experiências, enfim, como viveram e como participaram de todo esse processo segundo suas próprias perspectivas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

---

<sup>11</sup> Depoimento de Joel Belarmino da Silva



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

ALVES, Giovanni. O novo (e precário) mundo do trabalho. Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo:Boitempo, 2000.

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 2ª Edição. SP. Cortez, 1995.

BENEVOLO, Leonardo. História da Cidade. São Paulo: Perspectiva, 1993.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de Muros – Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo, São Paulo: 34/EDUSP, 2000.

CARDOSO, Ciro Flamarion e Ronaldo Vainfas {org} Domínios Da História: Ensaio de Teoria e Metodologia, Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHESNAIS, François. A mundialização do capital. São Paulo: Xamã, 1996.

CRUZ, Heloísa de Fraria. Trabalhadores em Serviços: Dominação e Resistência, (São Paulo, 1900-1920). SÃO PAULO. Marco Zero, 1991

FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs.). Muitas Memórias, Outras Histórias. São Paulo/ SP, Ed. Olho D'Água. 2004.

FENELON, Déa Ribeiro. "O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo?" in: HISTÓRIA & PERSPECTIVAS. Uberlândia: UFU, no 6, 1992.

FENELON, Déa Ribeiro. "Trabalho, Cultura e História Social: perspectivas de investigações", in: PROJETO HISTÓRIA n. 4, Revista da Pós-Graduação em História da PUC/SP, 1985.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

FENELON, Déa. R. História Social. Pesquisa Histórica e a Formação do Profissional de História. In. História Regional. III Seminário de Pesquisa do CEDOC (29 a 31 de janeiro de 2001). Editus (editora da UESC), Ilhéus, Bahia, pp. 23-35.

CARRIDO, Joan del Alcàzar. AS FONTES ORAIS NA PESQUISA HISTÓRICA: UMA CONTRIBUIÇÃO AO DEBATE. in Revista Brasileira de História p.33 volume 13 n.25/26 ANPUH/MARCO ZERO - SP. Set./92-out./93.

HOBBSAWN, Eric. Sobre História, São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

HOBBSAWN, Eric J. Os Trabalhadores, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

KHOURY, Y. A. Narrativas Oraís na investigação da História Social. Projeto História, 22. São Paulo, Educ, 2001, pp, 79-103

MARTINS, H. S; RAMALHO, J.R. Terceirização: Diversidade e negociação no mundo do trabalho. São Paulo: HUCITEC, 1994.

PAOLI, Maria C. Trabalhadores Urbanos na Fala de Outros. Tempo Espaço e Classe Operária Brasileira. In: Cultura & Identidade Operária. Marco Zero, 1987.

PEIXOTO, Nelson Brissac. Paisagens Urbanas, São Paulo: SENAC/Marca d'Água, 1996.

PORTELLI, Alessandro. O Que Faz a História Oral Diferente. Trad. Maria T. J. Ribeiro. SÃO PAULO, CEDIC-PUC/SP, mimeo, 1995.

PORTELLI, Alessandro. e nas fontes orais, em TEMPO, Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro; vol. I, número 2, 1996, pp. 59-72.



V. 1, n. 1, Uberlândia: 2011. ISSN: 2317-8310

PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. Projeto História 22. São Paulo, Educ, 2001, pp. 9-36.

SARLO, Beatriz. Paisagens Imaginárias, São Paulo: EDUSP, 1997.

THOMPSON, E.P. Costumes em Comum, Estudos Sobre A Cultura Popular Tradicional, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Edward P. A Formação da Classe Operária Inglesa, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3v.

THOMPSON, Edward P. A miséria da teoria: ou, um planetário de erros, Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TIBERI, M. Pobreza e desigualdade nos anos da globalização. In: <http://www.dieese.org.br/seminariotextomariotiberi.pdf>. <http://web.worldbank.org/>  
Acessado em 18 de março de 2010

WORCMAN, K. A História na Empresa: Identidades e Oportunidades. In: [http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/karen\\_worcman\\_a\\_historia\\_na\\_empresa.pdf](http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/karen_worcman_a_historia_na_empresa.pdf). Acessado em 11 de abril de 2010.